



## AS CRIANÇAS BRINCAM QUANDO ESTÃO HOSPITALIZADAS? ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA PROPOSTA DESENVOLVIDA EM UMA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR

Adriano Edo Neuenfeldt<sup>1</sup>  
Rogério José Schuck<sup>2</sup>  
Waléria Fortes de Oliveira<sup>3</sup>  
Ariane Wollenhoupt da Luz Rodrigues<sup>4</sup>

### RESUMO

Este trabalho diz respeito a uma proposta investigativa e interativa que ocorreu em uma Brinquedoteca Hospitalar de uma instituição de Ensino Superior do sul do Brasil antes da pandemia de COVID-19. A proposta teve a participação de estudantes dos Cursos de Pedagogia e Terapia Ocupacional e de profissionais vinculados ao hospital, tendo sido mediada pelos professores da instituição. O objetivo foi explorar ações formativas, interativas e lúdicas a partir do brincar/jogar, considerando o contexto daquele espaço limitado e de isolamento das crianças. Metodologicamente, o estudo possui aproximações com uma pesquisa-ação e foi organizado a partir dos dados coletados no espaço da pesquisa, com depoimentos e observações. Quanto aos resultados, percebeu-se a necessidade de avançar no que diz respeito às questões formativas, interativas e lúdicas. Além disso, as limitações de espaço e isolamento, impostas pelo contexto hospitalar, contribuíram para reflexões sobre o papel do brincar/jogar em espaços não formais de ensino.

**Palavras-chave:** Brinquedoteca hospitalar; Brincar/jogar; Ensino; Aprendizagem.

### CHILDREN PLAY WHEN THEY ARE HOSPITALIZED? SOME CONSIDERATIONS ABOUT A PROPOSAL DEVELOPED IN A HOSPITAL TOY LIBRARY

### ABSTRACT

This work concerns an investigative and interactive proposal that took place in a Hospital Toy Library of a Higher Education institution in southern Brazil before the COVID-19 pandemic. The proposal had the participation of students from the Pedagogy and Occupational Therapy Courses, professionals linked to the hospital and teachers of the institution as mediators of the proposal. The objective was to explore formative, interactive and playful actions, from playing / considering the context of this limited space and isolation of children. Methodologically, the study has approaches with an action research and

<sup>1</sup> Doutor em Ensino pela Univates/RS. Mestre em Educação pela UFSM. Especialista em Tecnologias da Informação e da Educação Aplicadas à Educação pela UFSM. Licenciado em Matemática pela UFSM. Bacharel em Desenho e Plástica pela UFSM. [adrianoneuenfeldt@universo.univates.br](mailto:adrianoneuenfeldt@universo.univates.br)

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela PUCRS. Professor Titular na Univates junto aos PPGEnsino e PPGECE. Coordenador do Mestrado e Doutorado em Ensino da Univates/RS. [rogerios@univates.br](mailto:rogerios@univates.br)

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Docente da UFSM/RS. [waleriafortes@gmail.com](mailto:waleriafortes@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestre em Ciências Sociais pela UFSM. Especialista em Tecnologias da Informação e da Educação Aplicadas à Educação pela UFSM. Licenciada em Pedagogia pela UFSM. [arianedaluzrodrigues@yahoo.com.br](mailto:arianedaluzrodrigues@yahoo.com.br)

was organized from the data collected in the research space with statements and observations. As for the results, it is necessary - the need to move forward with regard to formative, interactive and playful issues. In addition, the limitations of space and isolation imposed by the hospital context, contributed to reflect on the role of playing in non-formal teaching spaces.

**Keywords:** Hospital toy library; Play; Teaching; Learning.

## ¿JUEGAN LOS NIÑOS CUANDO ESTÁN HOSPITALIZADOS? ALGUNAS CONSIDERACIONES SOBRE UNA PROPUESTA DESARROLLADA EN UNA SALA DE JUEGOS DE UN HOSPITAL

### RESUMEN

Este trabajo se refiere a una propuesta investigativa e interactiva que tuvo lugar en una sala de juegos de un hospital de una institución de educación superior en el sur de Brasil antes de la pandemia de COVID-19. La propuesta contó con la participación de estudiantes de los Cursos de Pedagogía y Terapia Ocupacional, profesionales vinculados al hospital y docentes de la institución como mediadores de la propuesta. El objetivo fue explorar acciones formativas, interactivas y lúdicas, desde el juego considerando el contexto de este espacio limitado y aislamiento de los niños. Metodológicamente, el estudio tiene enfoques con una investigación acción y se organizó a partir de los datos recolectados en el espacio de investigación con declaraciones y observaciones. En cuanto a los resultados, es necesario - la necesidad de avanzar en temas formativos, interactivos y lúdicos. Además, las limitaciones de espacio y aislamiento que impone el contexto hospitalario, contribuyeron a reflexionar sobre el papel del juego em espacios didácticos no formales.

**Palabras clave:** Sala de juegos; Jugar; Enseñanza; Aprendizaje.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho foi elaborado a partir de uma proposta investigativa e interativa desenvolvida em uma Brinquedoteca Hospitalar vinculada a um hospital de ensino de uma Instituição de Ensino Superior do Sul do Brasil. A investigação ocorreu antes do período da pandemia e, atualmente, aguarda-se o desenrolar do atual contexto pandêmico de COVID-19 para viabilizar possíveis inserções.

A pesquisa teve como objetivo geral (re)descobrir a arte e os benefícios do brincar/jogar a partir de materiais lúdicos - prontos ou confeccionados - e das experiências dos brincantes no espaço de uma brinquedoteca. Além disso, teve como objetivos específicos: promover ações de formação para os brinquedistas; desenvolver ações que estimulassem a criatividade dos brincantes; estimular o brincar/jogar e a exploração de materiais lúdicos por parte de todos que brincavam naquele espaço; incentivar os pais a participarem do brincar/jogar com as crianças hospitalizadas, bem como das oficinas para confecção dos brinquedos, jogos e materiais lúdicos

Durante a investigação, também se procurou tecer relações entre o brincar/jogar a partir da interdisciplinaridade, elemento crucial na formação dos brinquedistas, ou seja, dos sujeitos

responsáveis pela organização e desenvolvimento de atividades naquele espaço. Esse grupo era formado por estudantes do curso de Pedagogia e de Terapia Ocupacional, por profissionais do hospital de ensino e professores dos cursos de Artes Plásticas e de Pedagogia.

Inicialmente, observou-se, atentamente, o espaço, dada a importância da sua organização para que pudesse haver interação entre o grupo de brincantes, formado pelas crianças hospitalizadas no setor de pediatria, seus familiares ou responsáveis e o grupo de brinquedistas.

Ressalta-se que, no período acompanhado, esse espaço foi frequentado, principalmente, por crianças. Também, cabe destacar que, devido ao contexto, havia restrições que deviam ser respeitadas, além de limitações de acordo com as enfermidades dos ocupantes, sendo necessários certos cuidados quanto à limpeza e higienização do ambiente e à desinfecção dos brinquedos. Essa situação levou o grupo de pesquisa a refletir sobre a questão do movimento ou da falta dele e os impactos causados naquelas crianças.

Dessa forma, o tema é atual, visto que, naquele momento, antes da pandemia, tinha-se um espaço com limitações e muitas crianças em situação de isolamento físico/social devido às medidas de precaução relativas ao contato, a infecções respiratórias ou mesmo aos motivos da hospitalização das crianças para as quais se buscavam alternativas ou encaminhamentos a serem explorados, visando contribuir com seu bem-estar.

Desse modo, com este trabalho, intenciona-se compartilhar algumas observações a respeito desse espaço não formal de aprendizagem, a brinquedoteca, de seus usuários e de atividades desenvolvidas pelo grupo de brinquedistas. Assim, busca-se contribuir com reflexões sobre a relevância e a necessidade de se ampliar o campo exploratório a respeito do tema, tanto no sentido de pesquisa, quanto na concretização de ações de extensão. Esclarece-se que datas, endereços e nomes foram excluídos do trabalho com intuito de preservar a identidade dos envolvidos. Contudo, o projeto original foi devidamente registrado no Gabinete de Projetos da Instituição de Ensino ao qual o hospital está vinculado.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

A partir da participação ativa dos envolvidos nas atividades, categorizou-se essa investigação como uma pesquisa-ação. Conforme Tripp (2005), a pesquisa-ação refere-se a uma pesquisa contínua e flexível, uma vez que se adapta ao andamento da pesquisa; altera o que está sendo pesquisado na mesma medida em que é limitada pelo contexto e pela ética da prática; é

participativa por incluir todo um grupo de sujeitos; pressupõe reorganização estratégica por meio da compreensão do problema; é experimental à medida que faz as coisas acontecerem e observa os resultados; começa por um problema e o problematiza; é deliberativa por tomar decisões e fazer julgamentos avaliativos sobre o processo; documenta seu próprio progresso através de portfólios; compreende o problema para projetar mudanças; e tende a disseminar-se em virtude do envolvimento de seus participantes.

A proposta foi desenvolvida em dois momentos distintos, mas que se complementaram: no primeiro, realizado no espaço da brinquedoteca, os brinquedistas coletaram informações acerca do espaço, dos brincantes e do brincar/jogar; e no segundo, a partir dos dados coletados, foram realizadas oficinas lúdicas e pedagógicas para os brinquedistas, priorizando-se a exploração, a contextualização e a criatividade. O segundo momento foi organizado em uma sala de aula da Instituição de Ensino, onde ocorreu a construção de brinquedos/jogos e o compartilhamento de experiências.

Quanto à sistematização dos materiais coletados, coube a cada brinquedista realizar apontamentos, em seu diário de campo, para compartilhar no momento das reuniões do grupo. De acordo com Minayo (2015, p. 71), o “principal instrumento de trabalho de observação” é o diário de campo, que pode ser um caderninho ou mesmo um arquivo eletrônico.

As reuniões para compartilhamento de materiais eram realizadas periodicamente, a cada duas semanas, quando também se desenvolviam as oficinas de construção de brinquedos e jogos. Sempre que possível, procurava-se organizá-las antes ou após as visitas à brinquedoteca. Essas oficinas eram organizadas a partir de um eixo articulador que surgia das observações dos brinquedistas e que oportunizava a elaboração e criação dos materiais a serem confeccionados. Por exemplo, num dos encontros, o eixo foi a construção de personagens de papelão; noutra, foram bonecas; noutra, carrinhos e, ainda, em outra, jogos e brincadeiras. Esses brinquedos eram criados a partir de materiais reutilizáveis coletados pelos professores, mas tendo cuidado quanto à necessidade de serem limpos e desinfetados.

A proposta perdurou durante um ano e foi adaptada conforme o calendário do hospital. Pretendia-se que as visitas fossem semanais, mas, algumas vezes, a brinquedoteca precisava ser fechada para limpeza e desinfecção. Noutras, as crianças não podiam sair de seus leitos porque estavam seguindo algum tipo de tratamento ou porque as suas condições não permitiam.

## ANÁLISE E DISCUSSÕES

### O espaço

De acordo com a Lei Federal nº 11.104, de 21/03/2005, exige-se, dos hospitais que possuem pediatria, um espaço destinado para as brinquedotecas, ou seja, um espaço provido de brinquedos e jogos educativos destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincarem. Contudo, entende-se que, para constituir uma brinquedoteca, é necessário proporcionar, além de materiais lúdicos e espaço para brincar/jogar, formação para os estudantes que desejam interagir nesse espaço.

Neste trabalho, são denominados “brinquedistas” aqueles que preparam as pessoas para brincarem e “brincantes” todos aqueles que brincam/jogam. Segundo Coupal, citado por Fortuna (2005, p. 99), o brinquedista “[...] é, antes de tudo, um profissional do jogo, da organização e da animação, apesar destas atividades poderem ser exercidas através de múltiplos caminhos”. Assim, um brinquedista pode também ser um brincante, se, além de organizar as atividades, ele também participar do brincar/jogar.

Em relação ao acervo, a brinquedoteca dispunha de diversos brinquedos e jogos, sendo alguns novos e outros usados, como jogo da memória, dama, sinuca, trilha, resta 1, videogame, bonecas, carrinhos, motocas, além de livros infantis, entre outros. Os brinquedos eram compostos de diversos materiais, a saber: madeira, plástico, metal e pano. Em alguns, faltavam partes, mas isso não impedia as crianças de brincarem/jogarem. De acordo com Cunha (2007, p. 12): “Os brinquedos são parceiros silenciosos que desafiam a criança, possibilitando descobertas e estimulando a autoexpressão”. Os brinquedos/jogos criados pelo grupo foram doados para as crianças ou para a brinquedoteca. É importante reiterar que, como a brinquedoteca em questão estava vinculada a um hospital, com suas regras, cuidados e convenções, os brinquedos confeccionados eram de materiais que pudessem ser limpos e desinfetados.

Durante o desenvolvimento da proposta, percebeu-se que, numa brinquedoteca hospitalar, é possível criar um ambiente em que a criança consiga superar as barreiras impostas pela doença, mesmo que momentaneamente. Por meio da interação lúdica com os brinquedistas ou ainda com outras crianças, ela explora materiais lúdicos nas interações e, com isso, assimila a realidade, compartilha e exorciza emoções, estabelece laços e vínculos. Dessa forma, consegue enfrentar a difícil realidade de estar doente e, ao mesmo tempo, protege seu ego de

algo muito aflitivo (FORTUNA, 2008).

Segundo Fortuna (2011, p. 1), “as consequências psicológicas de uma hospitalização são muitas, mas a criança no hospital continua sendo criança e, para garantir seu equilíbrio emocional e intelectual, o jogo é essencial”. De forma semelhante, Mello e Valle (2007, p. 57) enfatizam que

As consequências psíquicas da hospitalização para uma criança são medo, ansiedade, preocupações de várias ordens, problemas de sono, de comportamento, de apetite, dificuldades escolares, dentre outras. A criança acometida por uma doença continua sendo criança e, para garantir seu equilíbrio emocional, o brincar é essencial.

Por isso, há necessidade de se valorizar esse tipo de espaço, em que é possível o desenvolvimento de atividades pedagógicas e lúdicas que buscam a valorização do brincar/jogar, por meio de ações formativas que incentivem o desenvolvimento da criatividade. Dessa forma, os usuários desses espaços podem ser brinquedistas e, ao mesmo tempo, brincantes, interagindo com os que estão brincando/jogando. Sobre a criança, Fortuna (2011, p. 1) afirma que “[...] pelo brincar, sua condição de criança – e não apenas de paciente – é reafirmada”, sendo esse um canal de expressão, através do qual pode demonstrar o que sente e quem é – um “sujeito, com vontades, não mero objeto de cuidados”.

Outrossim, com o brincar/jogar nos espaços das brinquedotecas, procura-se amenizar a estada hospitalar, até mesmo com a utopia de inserir essas crianças e adolescentes no ritmo regular da vida (FORTUNA, 2005), de maneira que se sintam eles próprios, apesar de estarem na condição de doentes.

### **As atividades**

Quanto às atividades, elas eram organizadas e desenvolvidas de acordo com as preferências das crianças. Dentre as mais solicitadas, pode-se citar a confecção de fantoches e os jogos de montagem envolvendo peças. A partir dessas brincadeiras, as crianças criavam situações imaginárias ou situações que poderiam ser vivenciadas fora daquele espaço. Normalmente, elas solicitavam fantoches de animais de estimação ou de outros não tão habituais, como morcego, rato, pirarucu (peixe), entre outros - mas o preferido era o cavalo.

As atividades eram desenvolvidas a partir da compreensão de que a brinquedoteca é um espaço que abre “[...] a possibilidade de brincar com outras crianças, com adultos, muitas vezes

intermediado por um brinquedo ou brincadeira como um momento de interação social” (CALDEIRA; OLIVER, 2007, p. 101). Assim, buscava-se organização de pequenas oficinas com as crianças, tendo-se em mente que o público atendido era, na sua maioria, composto de crianças e adolescentes que estavam hospitalizados e, acima de tudo, precisavam se sentir bem no espaço onde eram desenvolvidas as ações.

No entanto, é necessário ressaltar que, também, foram articuladas, com os brinquedistas, atividades de formação sobre o brincar, envolvendo temas pertinentes, como brinquedotecas, brincadeiras, jogos e o próprio brincar. Para tanto, foram utilizados autores como Cunha (2007), Fortuna (2005, 2008, 2011), Friedmann(1992) e Oliveira (2011). Com essa formação, buscou-se despertar, nos brinquedistas, um comprometimento com o brincar ou, como traz Fortuna (2011), promover uma consciência lúdica que valoriza o brincar na vida.

Os brincantes adultos também podem e devem participar das atividades lúdicas e, quando necessário, precisam (re)descobrir o gosto pelo brincar. Igual à criança que, como afirma Lameirão (2015), sente satisfação em brincar e se perceber humana. Fica claro, desse modo, o papel de destaque que o brincante adulto assume no processo pedagógico do brincar envolto de ludicidade, como resalta Didonet (2013, p. 211), quando trata da formação de educadores capazes de brincar e da valorização do brincar como política educacional: “Há, porém, um ator decisivo e fundamental, nesse processo pedagógico, do qual depende a presença e a qualidade do brincar no cotidiano da educação infantil – o professor, a professora”. Cabe reforçar que a proposta descrita envolveu professores, estudantes de Pedagogia e Terapia Ocupacional, além de funcionários do hospital.

Com o envolvimento de diferentes atores, o projeto em questão tornou-se interdisciplinar, visto que houve o compartilhamento de saberes e a edificação de uma proposta em conjunto, a partir de observações, reflexões e de possibilidades que pudessem ser adaptadas àquele ambiente. Conforme Fazenda (1991, p. 18), “[...] o que caracteriza a atitude interdisciplinar é a ousadia da busca, da pesquisa, é a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir”.

Quanto ao brincar/jogar, cada sujeito brinquedista contribuía com o que sabia, explorando e compartilhando conhecimentos. No caso deste projeto, tanto na estruturação dos materiais como na formação dos brinquedistas, o interdisciplinar surgiu como linha de conexão, estabelecendo relações entre os saberes dos brinquedistas e auxiliando na organização das atividades. Dessa forma, entende-se o interdisciplinar como um processo que se contrapõe à segmentação de saberes e que fortalece a exploração de múltiplas possibilidades criativas a

partir de atividades, dentre as quais o brincar.

Assim, a criatividade surgiu no contexto da proposta, auxiliando na busca de caminhos para explorar o brincar/jogar. Conforme Antunes (2003, p. 8), ela é “um conceito associado a diferentes atributos ligados à originalidade, à variedade, à facilidade em ver e entender de maneiras diferentes as coisas do mundo”. Desse modo, os brinquedistas foram criativos para organizar atividades num espaço que não era usual para eles nem para as crianças. Também, a partir da criatividade, os usuários daquele espaço puderam dar vida a personagens criados pelos brinquedistas, tecendo diálogos durante a elaboração de histórias. Novaes (1972, p. 18) afirma que a criatividade “pode-se referir ao indivíduo que apresenta certas características que o levam a criar, ao conjunto de operações que executa ao produzir um objeto que encerre criatividade ou ao próprio resultado do comportamento criador”.

Para Vygotsky (1989), a situação imaginária é uma das características que definem o brinquedo. O jogo proporciona a criação desse tipo de situação posto que ela representa situações sociais reais em que o uso da imaginação está diretamente envolvido. As crianças transferem, para o jogo, os objetos e funções sociais do mundo dos adultos.

Outro aspecto importante no projeto é que, ao planejar os jogos e as brincadeiras, também se investigavam os motivos das internações que eram diversos - desde mordidas de animais, a problemas respiratórios e até cirúrgicos. A prioridade era sempre o bem-estar das crianças, assim, adaptavam-se as atividades de acordo com as suas necessidades.

A opção pelo desenvolvimento de atividades lúdicas e pedagógicas, num ambiente não formal de aprendizagem, se deu para que os brinquedistas se sentissem desafiados a refletir sobre elas e a reorganizá-las para as crianças. Desse modo, as oficinas tornaram-se muito mais que um espaço físico, ou seja, um local para promover a discussão e a elaboração de estratégias para brincar/jogar.

De acordo com Vieira e Volquind (2002), a oficina é uma modalidade de ação que combina o trabalho individual e a tarefa socializada, de modo intra e interpessoal, e que se organiza em torno de objetivos que variam conforme os interesses dos participantes, sem desmerecer a teoria, pois ela dá respaldo à prática.

Na brinquedoteca, ou, ainda, nas atividades organizadas fora dela, para compartilhar experiências e elaborar brinquedos e jogos, as oficinas converteram-se em um tempo e um espaço para aprendizagem (CUBERES, 1989), pois, nelas, se buscava uma integração entre o pensar, o sentir e o agir (VIEIRA; VOLQUIND, 2002). Além disso, as atividades eram organizadas a partir do envolvimento prático dos brinquedistas.

Ao analisar as atividades desenvolvidas pelo grupo de brinquedistas para/com as crianças, tanto no espaço da brinquedoteca quanto nas oficinas pedagógicas, percebeu-se que houve um processo de mediação pedagógica nas ações realizadas. De acordo com Perez e Castillo (1999), a mediação pedagógica procura oportunizar novas relações do estudante com os materiais, com o próprio contexto, com seus companheiros de aprendizagem, com o professor, consigo mesmo e com seu futuro. Portanto, os estudantes de Pedagogia e Terapia Ocupacional não estavam trabalhando conteúdos como normalmente são trabalhados e compreendidos em espaços formais - a partir do brincar/jogar, sua principal preocupação era estabelecer interações e se relacionar com as crianças.

## **Os Usuários**

Durante a investigação, também, se observou a frequência e o comportamento das crianças na brinquedoteca. Como já foi mencionado anteriormente, a visitação das crianças estava condicionada ao seu estado clínico. Contudo, em média, diariamente, frequentavam a brinquedoteca em torno de cinco a oito crianças. Foi possível perceber que, quando as crianças faziam amizade naquele espaço, combinavam de se encontrar com mais frequência. Além disso, em determinados dias, havia poucas crianças hospitalizadas, ou estas tinham alguma enfermidade que impedia a visita ou, ainda, eram bebês – nessas situações, o número de visitas era reduzido.

É importante destacar que nem todas as crianças internadas na ala pediátrica podiam se deslocar até a brinquedoteca. Algumas apresentavam problemas neurológicos e dificilmente frequentavam a brinquedoteca, porque sua locomoção ou desenvolvimento estava comprometido; outras, que se recuperavam de cirurgias, às vezes se deslocavam até a brinquedoteca com auxílio de cadeira de rodas; por fim, ainda havia crianças que necessitavam ficar em repouso absoluto ou em isolamento por problemas respiratórios, decorrentes de infecções ou relacionados à imunidade baixa. Se não fossem esses impedimentos, esse espaço de brincar certamente seria muito mais visitado.

Quando a brinquedoteca recebia poucas visitas ou as crianças estavam impossibilitadas de ir até ela, com a devida autorização, os brinquedistas realizavam atividades nos leitos das crianças, valendo-se de alguns brinquedos ou mesmo de desenhos para que elas brincassem no próprio leito, com os seus acompanhantes. Lindquist (1993, p. 24) afirma que “se uma criança se sente descontraída e feliz, sua permanência no hospital não será somente muito mais fácil,

mas também seu desenvolvimento e cura serão favorecidos”. Também, era permitido que as crianças retirassem brinquedos e jogos e os levassem para o leito.

O tempo de permanência das crianças na brinquedoteca dependia muito da disponibilidade, do motivo pelo qual elas estavam hospitalizadas e da vontade individual de permanecerem no espaço. Às vezes, elas ficavam durante um longo período, mas, geralmente, variava entre trinta minutos, uma ou duas horas. Entretanto, como as crianças estavam sujeitas a procedimentos hospitalares, precisavam voltar para os seus quartos sempre que solicitado, para administração de medicações e realização de exames. Muitas vezes, eram os pais ou as enfermeiras que chamavam as crianças. Pelos relatos das próprias crianças, a brinquedoteca não deveria fechar nunca, pois, sem ela, o espaço do hospital era um lugar “chato e triste”.

Nesse espaço, os brinquedistas assumiam o papel de professores, tendo oportunidade de mediar a aprendizagem, conforme as atividades que eram realizadas. O verdadeiro papel do professor é o “de mediador entre o aluno e sua aprendizagem, o facilitador, incentivador e motivador dessa aprendizagem” (MASETTO, 2015, p. 142), interagindo com as crianças. Nessa interação, a aprendizagem ocorria a partir do respeito aos sentimentos e às capacidades das crianças.

A brinquedoteca também era frequentada pelos familiares das crianças. O esforço do grupo, bem como algumas preocupações a respeito do local, pode ser observado no depoimento de um dos acompanhantes que ficou com o filho internado por duas semanas e que frequentava assiduamente a brinquedoteca:

Não é fácil ficar no hospital, ainda mais para uma criança. Elas não entendem bem o que estão fazendo aqui, querem seus amigos, a escolinha, os amigos, os brinquedos, ... Este espaço (brinquedoteca) deixa as crianças mais felizes. Ele vem aqui, brinca, joga, faz novos amigos, mas às vezes quando volta eles já não estão mais, deram alta. Precisamos explicar isso a ele. Pena que o espaço é pequeno. O meu (filho) aprendeu a palavra brinquedoteca aqui dentro. Mas a gente também se preocupa com o uso dos brinquedos, são muitas crianças usando os mesmos, e isso aqui, é um hospital.

Por fim, em relação aos brinquedistas, Cunha (2007) destaca que eles devem ser pessoas capazes de rir facilmente mesmo nos dias mais cansativos e, além disso, ter boa capacidade de comunicação e paciência para lidar com a inquietude das crianças. Só a formação não basta para um brinquedista, pois ele precisa ter imaginação, ser criativo e sonhador.

Isso posto, cabe ressaltar algumas questões a serem consideradas em relação à proposta desenvolvida, dentre as quais se destacam: proporcionar uma formação mais completa para os

brinquedistas a partir de oficinas pedagógicas e lúdicas; desenvolver ações para estimular a criatividade de todos os brincantes (usuários, familiares ou acompanhantes e brinquedistas); estimular o brincar/jogar e o explorar dos materiais lúdicos, bem como a reorganização daquele espaço; encontrar formas para incentivar os pais a participarem do brincar/jogar com as crianças; socializar as experiências vividas por todos os brinquedistas na brinquedoteca em eventos ou turmas de Pedagogia e Terapia Ocupacional da Instituição para desmitificar a ideia de que não ocorre aprendizagem fora do espaço formal da sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do que foi apresentado, algumas considerações podem ser feitas. No que diz respeito à brinquedoteca, embora o espaço fosse pequeno, ele era bem organizado. Como as crianças podiam pegar os jogos/brinquedos de acordo com seu interesse, surgiu a preocupação com essa manipulação no depoimento de um pai, que pensou nas enfermidades, já que se tratava de um hospital. No entanto, de acordo com a pessoa responsável pelo espaço, os materiais eram periodicamente limpos e desinfetados.

O fato de o espaço ser limitado também dificultava a realização de atividades que necessitavam de alguma movimentação, assim, algumas vezes, os usuários acabavam se esbarrando. Noutras vezes, havia mais brinquedistas, acompanhantes, funcionários do hospital ou estudantes de outros projetos do que crianças. Essa situação fez com que se organizasse uma escala de visitação para os brinquedistas.

Porém, considerando as observações realizadas durante as atividades da proposta, é inegável que a brinquedoteca tornava a estadia das crianças mais amena. Aquele espaço fazia com que as crianças esquecessem suas enfermidades e as auxiliava a retornar a um mundo do qual estavam privadas física e socialmente naquele momento. Aquele espaço não formal também era um espaço de aprendizagem, tanto para as crianças hospitalizadas quanto para o grupo de brinquedistas que desenvolveu a proposta. As crianças usavam a brinquedoteca como um lugar de convivência e aprendiam a partir da interação social, não somente com outras crianças, funcionários do hospital e os brincantes, mas com os próprios pais e familiares. Muitas vezes, as crianças, literalmente, puxavam seus pais para o tapete para compartilhar atividades.

Em relação aos estudantes envolvidos na proposta, observou-se que compartilhavam informações sobre as necessidades das crianças. Não se tratava de uma escola, mas de um espaço hospitalar em que havia restrições às atividades. Desse modo, muitos foram desafiados

a refletir sobre a aprendizagem e o ensino nesse tipo de espaço, o que provocou uma desconforto. Alguns estudantes se sentiram bem, encontrando um propósito maior para a sua formação acadêmica, mas outros, nem tanto, porque, ocasionalmente, eles precisavam lidar com um sentimento de perda - não somente pelo fato de as crianças terem alta, mas também pelas enfermidades e pelos óbitos ocorridos.

Por fim, destaca-se que foi desafiador preparar materiais e ações, a partir do brincar/jogar, que atendessem à demanda daquele espaço de isolamento e com limitações. Mas, apesar de tudo, essa experiência, vivenciada antes da pandemia, contribuiu para que algumas reflexões fossem resgatadas neste momento, num contexto pandêmico, em que as crianças também se encontram num distanciamento físico/social e outras propostas estão sendo desenvolvidas. Foi um trabalho em que houve necessidade de articular atividades que atendessem às peculiaridades daquelas crianças, com otimização do tempo e do espaço, e foi preciso pensar sobre formas diferenciadas de ensino e aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **A criatividade na sala de aula**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- BRASIL. Lei Federal 11.104 de 21/03/2005. **Sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação**. DF, Brasília, 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm). Acesso em: 02 abr. 2021.
- CALDEIRA, V. A.; OLIVER, F. C. A criança com deficiência e as relações interpessoais numa brinquedoteca comunitária. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, v. 17, n. 2, p. 98-110, 2007.
- CUBERES, M. T. G. **El taller de los talleres**. Buenos Aires: Estrada, 1989.
- CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2007.
- DIDONET, V. A política de educação infantil e o brincar. In: SALMAZE, M. A.; ALMEIDA, O. A. **Primeira infância no século XXI: direitos das crianças de vier, brincar, explorar e conhecer o mundo**. Campo Grande, MS: Ed. Oeste, 2013
- FAZENDA, I. C. (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FORTUNA, T. R. Brincar viver aprender: educação e ludicidade no hospital. In: VIEGAS, D. (Org.). **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008. p. 33-44.
- \_\_\_\_\_. Ensinando a montar – e manter – brinquedotecas: a experiência de assessoria universitária na criação de espaços lúdicos. In: MOLL, J. (Org.). **Múltiplos alfabetismos: diálogos com a escola pública na formação de professores**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. p. 93-106
- \_\_\_\_\_. Por uma brinquedoteca “suficientemente boa”. Alguns valores para que as brinquedotecas da América Latina nos encontrem no futuro. In: OLIVEIRA, V. B. de. (Org.). **Brinquedoteca: uma visão internacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FRIEDAMANN, A. A criança na brinquedoteca. In: FRIEDMANN, A. *et al.* **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Scritta: ABRINQ, 1992.
- JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- LAMEIRÃO, L. Ninguém é tão grande que não possa aprender nem tão pequeno que não possa ensinar. *In*: MEIRELLES, Renata. **Território do brincar**: diálogo com escolas. São Paulo: Instituto Alana, 2015. (Coleção território do brincar).
- LINDQUIST, I. **A criança no hospital**: terapia pelo brinquedo. 1. ed. São Paulo: Ed. Página Aberta LTDA, 1993.
- MELO, L. de L.; DO VALLE, E. R. M. Brinquedoteca Hospitalar. *In*: ALMEIDA, F. de A.; SABATÉS, A. L. **Enfermagem pediátrica**: a criança, o adolescente e sua família no hospital. Barueri, SP: Manole, 2008. p. 57-64. (Série Enfermagem).
- MINAYO, M. C. de S. Trabalho de Campo: Contexto de observação, interação e descoberta. *In*: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação. *In*: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 1. ed. Campinas: Papirus, 2015. p. 141-171. *E-book*. Disponível em: <https://www.univates.br/biblioteca>. Acesso em: 01 dez. 2019.
- NOVAES, M. H. **Psicologia da criatividade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- OLIVEIRA, V. B. de. (Org.). **Brinquedoteca**: uma visão internacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- PEREZ, F.G.; CASTILLO, D. P. **La mediación pedagógica**. Buenos Aires: Ciccus, 1999.
- TRIPP, D. Pesquisa-ação: Uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**. v. 31. n. 3. Set-dez 2005, p. 443-466.
- VOLQUIND, L.; VIEIRA, E. **Oficinas de Ensino**: O quê? Por quê? Como? 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1994.